

Já se tem dito que a obra de Guimarães Rosa constitui um desafio a quem quer que se proponha a lê-la. De fato, dentre os escritores contemporâneos, o autor de *Grande Sertão: Veredas* é aquele que apresenta o maior número de problemas, no que se refere principalmente ao aspecto formal. Alguém chegou mesmo a sugerir que Guimarães Rosa teria criado uma língua nova, tal a preocupação do Autor em sublevar e transformar a ordem estabelecida. Mesmo não indo tão longe, já se disse também que Guimarães Rosa seria "um romancista para filólogos"; pois a leitura de suas obras requer um conhecimento especializado das "minúcias e astúcias" da língua portuguesa. Não levaremos em consideração tais afirmativas. Fosse realmente o nosso escritor "um romancista para filólogos", não estaria hoje o *Grande Sertão* seu livro mais difícil, na 12a. edição, já que são tão poucos os cultores da Filologia no Brasil.

Na verdade, a obra de Guimarães Rosa, como a obra dos grandes escritores, não pode ser lida apenas uma vez, se quisermos depreender dela todo o objeto estético. *Grande Sertão: Veredas* deve ser lido, melhor seria se escutado, inúmeras vezes, devido ao impressionante caudal de inovações e à "textura filigranática" de seu estilo, para usarmos a expressão de Franklin de Oliveira.

De qualquer forma, a leitura do *Grande Sertão* é um desafio para todos, devido ao caráter essencialmente "anormal" do texto. O leitor julga-o como algo diferente, fora do usual da língua portuguesa, que não foi lido ou visto antes, embora possa compreendê-lo.

Que força, ou que intuição, nos permite entender a obra de Guimarães Rosa? Que nos leva a aceitar as "extravagâncias" empregadas pelo Autor? Até que ponto Guimarães Rosa foi ou poderia ter ido nas suas "irreverências" à Língua Portuguesa? Haveria um limite para as suas extrapolações? Em nome de quê, ou baseado em quê, um autor pode criar palavras, deslocar termos, omitir expressões, substituir prefixos, cortar frases, forjar plurais, enfim, em nome de quê um autor "re-cria" uma língua? Essas e inúmeras outras dúvidas inquietaram-nos desde a primeira leitura de *Grande Sertão: Veredas*, há coisa de dez

---

\* Professor Assistente da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais.

atrás.

Procuramos tomar conhecimento dos trabalhos críticos referentes à linguagem rosiana e, na verdade, encontramos excelentes interpretações do estilo de Guimarães Rosa, como as de Cavalcanti Proença(1), Oswaldino Marques(2), Mary Lou Daniel(3), Maria Luíza Ramos(1) e Ivana Versiani(5), dentre outras.

Pareceu-nos, porém, que o "fenômeno" Guimarães Rosa poderia e deveria ser explicado por uma teoria mais abrangente, que interpretasse a "anormalidade" do estilo rosiano de uma maneira ampla, e não se ativesse a explicações casuísticas dos traços estilísticos do *Grande Sertão:Veredas*.

Uma das mais brilhantes e exaustivas interpretações do fenômeno lingüístico é, sem dúvida, a exposta por Eugenio Coseriu, no trabalho *Sistema, Norma y Habla*, publicado em *Teoria del Lenguaje y Linguística General*(6) Seu maior mérito, porém, além da clareza de pensamento, firmeza de exposição de indiscutível base doutrinária, consiste no fato de sua teoria ter descido ao nível da "jardineira", para usar suas próprias palavras. Não se limitou o Autor a estabelecer uma determinada teoria, alienada e absentista, "tipos abstratos e ideais de flores", mas procurou rastrear sua doutrina em abundantes exemplificações, nos mais diversos ramos ou disciplinas da Lingüística.

Faremos, de início, uma rápida exposição da doutrina de Coseriu e, em seguida, uma aplicação a um determinado traço estilístico do *Grande Sertão:Veredas*.

Seu artigo tem início na sugestão que faz Coseriu de "uma distinção tripartida na realidade unitária da linguagem", como se lê na intitulação de seu primeiro capítulo. O Autor parte de uma posição proposta por Hjelmslev e Lotz, em Nice, 1951, na "Conferência de Semântica", por iniciativa de Emile Benveniste. Em vez da tradicional dicotomia saussuriana "língua e fala", foi proposta a distinção tripartida "sistema, norma e fala".

Coscriu examina e explica a interpretação de diversos estudiosos a respeito da doutrina saussuriana. Neste trabalho não cabe, por razões óbvias, expor as diversas interpretações estudadas. Os principais autores examinados são: Jespersen, Palmer, Charles Bally, Walter Porzig, Alan Gardiner, Sechehaye, Brondal, Wartburg, Pagliaro, Humboldt, Croce, Vossler, etc.

Da análise das teorias expostas, Coseriu conclui que há muitos desacordos entre elas, do mesmo modo como há incoerências nas prô-

prias doutrinas dos autores. Dentre as diversas conclusões a que chega o Autor, a que vai mostrar com mais clareza o novo caminho a seguir é, sem dúvida, a seguinte: os vários conceitos que definem língua ("acervo lingüístico", "sistema funcional"), não são equivalentes, pois representam tipos distintos e graus distintos de abstração.

Uma doutrina coerente e realista da linguagem deve se basear em uma série de princípios, discutidos e firmados por Coseriu, mas nos fixaremos naquele que consideramos o mais importante:

"Eliminação de alguns conceitos, como "acervo lingüístico", que é um conceito psicológico e elucidação de outros, como "sistema funcional" e "uso lingüístico de uma comunidade". Há aqui uma diferença clara de plano abstrativo: é justamente a distinção que se vai estabelecer entre SISTEMA E NORMA".(7).

Concluindo, afirma Coseriu: "parece-nos, portanto, que existe em Saussure - embora apenas sugerida - uma oposição entre os dois conceitos de "língua", que em sua doutrina parecem, quase sempre, identificar-se: a "língua" como "instituição social", ligada a outras instituições sociais e que contém também elementos não funcionais (NORMA) e a "língua" como sistema abstrato de oposições funcionais (SISTEMA)".(8)

Para entender melhor a proposição, pode-se fazer uma analogia entre o exposto e um jogo de xadrez, aproveitando a célebre comparação de Saussure. Existem as regras, ou o código ou as possibilidades em uma partida de xadrez (SISTEMA), existem também as realizações normais, as características desta ou daquela escola, ou deste ou daquele país, ou mesmo determinados indivíduos (NORMA). A realização do código é mais ou menos constante, havendo, é óbvio, algumas jogadas "geniais", que fogem ao comum, ao normal. Essas mesmas características aplicam-se a uma partida de futebol, por exemplo, ou às aulas de um estabelecimento de ensino, como de resto a toda e qualquer instituição humana.

Segundo Coseriu, "a Lingüística deve mover-se constantemente entre os dois pólos opostos do concreto e do abstrato: partir da comprovação empírica dos fenômenos concretos para a abstração de formas ideais e sistemáticas, e voltar aos fenômenos concretos, enriquecidas pelos conhecimentos gerais adquiridos na operação abstrativa".(9)

Voltemos, portanto, à prática:

No campo da formação de palavras pode-se distinguir com nitidez o problema do sistema e da norma de uma língua.

Guimarães Rosa, diante de um grande número de jagunços não teve dúvidas em empregar: "A jagunçama veio avançando, feito um ro-dear de gado". (10). Observe-se que para o coletivo de jagunço, o *Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa*, de Caldas Aulete, registra apenas jagunçada e jagunçaria. Baseado em que princípio Guimarães Rosa criou a forma jagunçama? Obviamente que o Autor baseou-se no SISTEMA da língua, uma vez que o sufixo -ama forma coletivos em português: dinheirama, mourama, etc. Tal procedimento levou o ficcionista a criar inúmeros vocábulos, como: jagunçagem, rapaziagem, companheirada, paracatuano, exemplação, quietidão, movimental, desendoidecer, transdizer, etc.

Procurando compreender o problema sob outro ponto de vista, poderíamos formar um substantivo, teoricamente, com qualquer um dos sufixos: -idade, -idão, -ez, -eza, -ia, -ice, -ícia, -or, -itude, -ura, etc. Teríamos: grandidade, grandidão, grandez, grandeza, grandia, etc. A norma, porém, já se fixou em grandeza. Mas isso não impediu Guimarães Rosa de ter usado grandidade, como no passo: "A ver, e o sol, em pulo de avanço, longe na banda de trás, por cima de matos, rebentava aquela grandidade." (p.48)

Poderíamos esquematizar a questão do seguinte modo:

	Sistema	Norma	Fala(estilo)
	grandidade	-	grandidade.
	grandidão	-	-
Adjetivo suf.	grandez	-	-
(grande)	grandeza	grandeza	-
	etc.		

Apesar de o grande problema rosiano residir na sintaxe e, não, no vocabulário, como se poderia supor, não há dúvida de que Guimarães Rosa utilizou-se da formação de palavras, ou, mais especificamente, da sufixação, como um dos mais potentes recursos para enfatizar a renovação da prosa literária brasileira. Basta dizer, por exemplo, que dos 1.800 vocábulos estudados por Nei Leandro de Castro em *Universo e Vocabulário do Grande Sertão*, mais da metade refere-se ao problema da sufixação. (11)

Esta preferência explica-se, de um modo geral, pelos seguintes motivos:

1º) Conforme afirma Rodrigues Lapa em *Estilística da Língua Portuguesa*, "é nos sufixos que a descarga das paixões se dá com maior energia. Os sentimentos que vulgarmente agitam a nossa alma e que se resumem, afinal, no amor e na aversão que manifestamos de or-

diário pelas coisas e pelas pessoas, refletem-se perfeitamente em alguns sufixos".(12)

29) É preciso lembrar que *Grande Sertão:Veredas* é um "romance oralizado", ou seja, trata-se da narração que o jagunço "aposentado" Riobaldo faz a um suposto interlocutor, de suas andanças pelo interior brasileiro. Em se tratando de uma narração, é natural que o relato sofra profundas influências da linguagem oral. Ora, como lembra a Profa. Maria Luíza Ramos, em "O elemento poético em *Grande Sertão:Veredas*," sabe-se que o homem inculto, principalmente o interiorano, é mestre em inventar novos vocábulo, quer pela indecisão em torno de certos termos, quer pela intenção de mostrar erudição e conhecimento da língua. O caminho mais fácil para essa invenção é, sem dúvida, através do emprego de sufixos.

39) Cavalcanti Proença, no seu trabalho, *Trilhas no Grande Sertão*(13), afirma que "para manter em permanente vigília a atenção de quem lê, todos esses vocábulo de som e forma inusitados funcionam como guizos, como coisas que se movem, criando, não raro, dificuldades à compreensão imediata do texto e, de outras vezes, explicando além do necessário".

49)Finalmente, lembremo-nos do verdadeiro horror que tinha Guimarães Rosa ao lugar-comum, à frase feita. Tal fato, além de se poder detectar com relativa facilidade da leitura de suas páginas, foi também declarado pelo próprio Autor, em carta datada de 03/09/64 e citada por Mary Lou Daniel:(14) "A posteriori", sim, posso achar que talvez estejam na base do que escrevo:1) forte horror ao lugar-comum, de toda espécie, como sintoma de inércia mental, rotina desfiguradora, viciado automatismo..."

Como a nossa conversa já vai um pouco longa e o tempo de que dispomos é pouco, limitar-nos-emos a citar os expedientes de que Guimarães Rosa lançou mão para provocar o rejuvenescimento das palavras através do processo de sufixação:

1 - Processo normal de sufixação de palavras, com o surgimento de vocábulo não consagrados pela NORMA:

"No liso sêco estradal, do meio do campo, deu um pano de poeira".(541)

"Daí, deu:bala beija-florou".(p.576)

2 - Troca de sufixos:

"Quer me aconselhar canalhagem separada".(p.331)(por canalhice)

"Supetume! Só bala de aço.(p.96)(por supetão)

3) Emprego de sufixos existentes em língua portuguesa, mas pouco usado pela NORMA:

"Eu não gostava daquela Miosótis, ela era uma bobinhã (p.124)

"E o chiim dos grilos ajuntava o campo".(p.30)

4) Sufixos intensivos:

"Diadorim - o nome perpetual.(p.336)

"Azoava sempre e zunia, pipocava proprial, estralejava(p.339)

5)"Encomprimento" de palavras:

"Mas meus pêlos crescendo em todo corpo. Mas essa horrorizância"(p. 567)

"Para se terminar com a maleita, em definitividade"(p.418)

6) Casos anormais de sufixação de palavras:

"An, mãuser e winchester que assoviamzinho sutil".(p.579)

"Pois êssezinho, êssezim, desde que algum entendimento alumiou nêle, feito mostrou o que ê".(p.15)

"Eu conseguia meditar minhamente".(p.497)

"Eu disse:nãozão."(p.370)

Para finalizar, e com o intuito de estabelecer um elo entre o que acabamos de dizer e o que será exposto pela Profa. Júnia, é necessário deixar bem claro que o conceito de NORMA, segundo Coseriu não é, na verdade, a norma no sentido corrente, estabelecida ou imposta segundo critérios diversos de correção e valoração do que é expresso,mas da NORMA objetivamente comprovada na língua, a NORMA que seguimos necessariamente como membros de uma comunidade linguística. Ao comprovar a NORMA a que nos referimos, comprova-se como se diz e não se indica como se deve dizer; os conceitos que se opõem com relação aoque ficou dito são normal e anormal e, não, correto e incorreto. Os problemas resultantes do relacionamento entre "norma normal" e "norma correta" serão desenvolvidos pela Profa. Júnia.

07/06/79

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1 - PROENÇA, M. Calcanti - "Trilhas no Grande Sertão in Augusto dos Anjos e Outros Ensaios - Rio, 1973, Grifo/MEC, 2a. ed.
- 2 - MARQUES, Oswaldino - "Canto e Plumagem das Palavras in Ensaios Escolhidos - Rio, 1968, Civilização Brasileira.
- 3 - DANIEL, Mary L. - João Guimarães Rosa: Travessia Literária - Rio, 1968, José Olympio.

- 4 - RAMOS, Maria Luíza - "O elemento poético em Grande Sertão: Veredas" in Fenomenologia da Obra Literária - Rio, 1974, Forense-Universitária, 3a. ed.
- 5 - VERSIANI, Ivana - Os Prefixos Intensivos em Grande Sertão: Veredas, Tese de doutoramento apresentada à Faculdade de Letras da UFMG, Belo Horizonte, 1969  
 - "Para a sintaxe de Grande Sertão: Veredas-Valores de Subjuntivo" in GUIMARÃES ROSA - São Paulo, 1975, Quiron/MEC  
 - "Derivados Regressivos em Grande Sertão: Veredas" in Luso-Brazilian Review - Vol. VIII, nº 1, junho de 1971, pp. 88 a 102
- 6 - COSERIU, Eugenio - Teoria del Lenguaje y Linguística General - Madrid, 1962, Gredos
- 7 - Id. ib. p. 43
- 8 - Id. ib. p. 59
- 9 - Id. ib. p. 16
- 10 - ROSA, João Guimarães - Grande Sertão: Veredas - Rio, 1956 - José Olympio, 1a. Ed.
- 11 - CASTRO, Nei Leandro de - Universo e Vocabulário do Grande Sertão Rio, 1970, José Olympio
- 12 - LAPA, M. Rodrigues - Estilística da Língua Portuguesa - Rio, 1973, Acadêmica, 7a. ed. p. 83
- 13 - Ed. ib. p. 223
- 14 - Id. ib. p. 103